

## **A INDISCIPLINA ESCOLAR E OS DESAFIOS DO CURRÍCULO NA SOCIEDADE MULTICULTURAL**

*Rosilani Balthazar da Silva* (UENF)

[rosilanibalta@hotmail.com](mailto:rosilanibalta@hotmail.com)

*Bianka Pires André* (UENF)

[biankapires@gmail.com](mailto:biankapires@gmail.com)

### **RESUMO**

O presente artigo apresenta uma discussão sobre a indisciplina no cotidiano escolar, considerando que se trata de um problema enfrentado por grande parte das escolas e tem ocupado espaço cada vez maior nos meios educacionais. Com base na realidade de uma escola pública de Campos dos Goytacazes – RJ, evidenciaremos como a indisciplina tem influenciado a aprendizagem dos alunos, bem como, as múltiplas causas que levam esses alunos a desenvolverem um comportamento tão indesejado. Igualmente, discutiremos o currículo como um desafio para a sociedade multicultural com a finalidade de assegurar o respeito ao outro, o diálogo, a tolerância e o reconhecimento da diversidade cultural de todos os alunos.

**Palavras-chave:** Educação. Indisciplina. Alunos. Currículo. Aprendizagem.

### **1. Introdução**

O cotidiano escolar encontra-se desafiado a lidar com a indisciplina dos alunos que parece estar aumentando cada vez mais, comprometendo a aprendizagem e o comportamento deles em sala de aula e com isso o bom desempenho acadêmico dos discentes pode ser comprometido.

Desse modo, acredita-se que a indisciplina é um fator preponderante da não aprendizagem discente e que diversos fatores como: falta de afetividade, relacionamento professor-aluno, estrutura da escola, falta de professores, ausência da família e falta de reconhecimento da diversidade sociocultural contribuem para o mau comportamento dos alunos.

Em uma pesquisa realizada por Tânia Zagury (2007) entre os anos de 2002 e 2005 abrangendo 42 cidades em 22 estados brasileiros com docentes da Educação Básica da rede pública e privada constatou-se que manter a disciplina em sala de aula é hoje o maior problema enfrentado pelos professores seguido da falta de motivação dos alunos. É notável a relação entre essas dificuldades dos docentes, pois geralmente o aluno é indisciplinado quando não consegue aprender ou se encontra desmotivado e por isso torna-se indisciplinado.

Nesse sentido, o objetivo geral desse estudo foi analisar a interferência da indisciplina como elemento dificultador da aprendizagem no espaço escolar, bem como verificar as múltiplas causas que levam os alunos a desenvolverem um comportamento indisciplinado.

Para a realização deste trabalho utilizamos a pesquisa bibliográfica agrupando várias obras de diferentes autores abordando essa temática, usamos também a pesquisa de campo, com a observação do cotidiano da escola analisada e entrevista aos alunos escolhidos, a seus respectivos responsáveis e ao orientador pedagógico da escola.

Sabemos que ensinar exige de nós educadores, muito esforço, principalmente quando se pretende definir limites. Portanto, os limites precisam ser claros e estabelecidos democraticamente para que as regras construídas possam ser internalizadas por todos e, assim, garantir um ambiente que favoreça o aprendizado individualizado e coletivo. Aprendizado esse, que ultrapasse os conhecimentos definidos no currículo escolar e coopere, efetivamente, para a formação do cidadão consciente de seus direitos e deveres.

## **2. *Disciplina: ontem e hoje***

A palavra disciplina, de origem latina, deriva da mesma raiz da palavra discípulo e discente que quer dizer, essencialmente, aquele que aprende. O *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2001), define a palavra disciplina da seguinte maneira:

1. Regime de ordem imposta ou mesmo consentida.
2. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização.
3. Relações de subordinação do aluno ao mestre.
4. Submissão de um regime.
5. Qualquer ramo do conhecimento.
6. Matéria de ensino. (AURÉLIO, 2001, p. 239)

Da mesma forma, o verbete *ordem* do latim *ordine* é definido, neste mesmo dicionário, como: “1. Disposição conveniente dos meios para se obter os fins. 2. Boa disposição, ordenação. 3. Regra ou lei estabelecida. 4. Disciplina”. Portanto, podemos perceber uma intrínseca afinidade entre disciplina e ordem; ambas são necessárias para garantirem um agradável ambiente de aprendizagem.

Celso dos Santos Vasconcellos (2009) ressalta que se trata de um termo complexo que embora restrito ao contexto escolar, é muito abrangente, abarcando desde um ramo organizado do saber até o comportamento do aluno. Portanto, não é possível falarmos de um conceito de dis-

ciplina desconectado de uma concepção de educação e de mundo a qual se faz referência.

No século XVIII a disciplina escolar servia para controlar a criança, preparando-a para servir docilmente os ideais liberais difundidos nessa época, onde o que importava era apenas a produção em massa e o lucro alcançado. As crianças quase sempre eram privadas do brincar e de se desenvolver integralmente. Prevalencia a concepção de que a criança era um adulto em miniatura e que deveria se comportar como tal. (REBELO, 2002)

Ainda hoje, notamos que na base da instituição escolar, infelizmente, por muitas vezes, prevalece à visão de uma educação tradicional que reproduz os valores da classe dominante, onde se busca através de seus currículos a domesticação, o adestramento e a alienação. Prioriza-se um ideal de aluno que acate todas as regras impostas sem o direito de questioná-las. Quando, por ventura, um aluno não se inclui nos moldes colocados pela escola, logo é visto como mal-educado e indisciplinado, mas na realidade pode estar apenas questionando, embora nem sempre o faça da maneira mais adequada.

Segundo Tânia Zagury (2007), a família, nos últimos tempos abriu mão da sua função de geradora de ética e de socialização dos seus filhos. Isso pode ter contribuído para a formação de indivíduos que queiram apenas exigir seus direitos sem, no entanto, cumprir seus deveres.

Com isso, a disciplina encontra-se entre seus extremos. Se de um lado vivemos, historicamente, entre as gerações passadas, a forte cobrança por imposição de limites, em que, muitas vezes, os pais reprimiam seus filhos, na contemporaneidade outro extremo pode estar em evidência: a falta de limites dos filhos como resultado de uma permissividade alarmante.

De acordo com Celso dos Santos Vasconcellos (2009), a família, enquanto primeira instituição socializadora, precisa exercer seu papel na educação de seus filhos. Quando uma criança não reconhece seus pais como autoridade dificilmente reconhecerá o professor, orientador pedagógico, diretor, ou qualquer outro estranho que venha se relacionar.

Júlio Groppa Aquino (1998), por sua vez, defende que é preciso separar as funções da família e os papéis da escola. Na visão desse autor, os professores ao depararem com os problemas diários, encaram como principal função a normatização moral das crianças e dos jovens, toman-

do para si a tarefa dos pais, o que poderá comprometer o trabalho pedagógico e a construção do conhecimento.

Na adolescência os problemas de comportamento parecem acentuar-se. Esta fase, extremamente importante para o desenvolvimento humano, tem suas características próprias e é difícil de ser encarada tanto para os pais quanto para os adolescentes que por ela estão passando. Os relacionamentos entre pais e filhos são conflituosos e os limites quando não construídos desde a infância, tornam-se difíceis de serem administrados posteriormente. (ZAGURY, 2000).

É fundamental o diálogo entre pais e filhos e entre estes e a escola para que a família possa tomar conhecimento das regras estabelecidas pela instituição escolar e, assim, agir em consonância com ela, de modo a promover o bom desempenho do aluno na escola, na família e na sociedade.

Içami Tiba (1996) ressalta a importância de se buscar o equilíbrio entre o autoritarismo e a permissividade exacerbada, pois um extremo pode ser tão prejudicial quanto o outro e assim, as nossas crianças podem ser negativamente influenciadas se um dos extremos for adotado como modo de educação familiar.

Assim, escola e família vivem num descompasso quanto ao modo de exercer sua respectiva autoridade, mostrando-se com dificuldades em lidar com essa questão que se tornou um dos maiores desafios da educação atual. Como as regras de casa nem sempre condizem com as normas escolares, os professores podem agir com conformidade ou deixar que sua autoridade se converta em autoritarismo, portanto, existe a necessidade da educação estabelecer seus limites a fim de favorecer a disciplina e a aprendizagem.

Obviamente, não se trata de defender uma educação puramente permissiva, pois se acredita numa educação que se estabeleça limites com base na autoridade exercida de forma democrática. Entretanto, o que vem sendo propagado nas escolas podem não contribuir para a formação de um indivíduo crítico e reflexivo.

A indisciplina escolar é uma das razões que contribui para o fracasso dos alunos, principalmente, quando se trata do “aluno-problema”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Segundo Aquino (1998), o “aluno-problema” é entendido como aquele que possui algum distúrbio, seja de natureza cognitiva ou comportamental.

É um fenômeno escolar que ultrapassa fronteiras socioculturais e econômicas, também não se trata de um acontecimento característico apenas da escola pública. O mau comportamento dos alunos é um dos grandes impasses do trabalho docente e da escola atual. (ZAGURY, 2007).

Entretanto, o silêncio, o ficar sentado sem se comunicar com os colegas, o “comportar-se bem”, nem sempre nos indica bom comportamento. Para Joe Garcia (1999) o comportar dessa maneira pode indicar uma adaptação aos esquemas escolares.

Nesse sentido, Celso Antunes (2002) ressalta que uma sala de aula disciplinada não nos restringe a pensar que reina nesse espaço de aprendizagem o silêncio absoluto. Para ele as conversas dos alunos em si são saudáveis e devem, em certa medida, serem estimuladas. O professor ao aproveitar esses momentos poderá instigar o debate de ideias e a troca de conhecimentos.

Atualmente, já se reconhece que a problemática da indisciplina é resultado de múltiplos fatores como, por exemplo, o desinteresse do aluno, a família não cumprindo o seu papel, os meios de comunicação, o professor, as práticas pedagógicas, o currículo escolar que não contempla a diversidade sociocultural, o contexto socioeconômico, entre outros.

A esse respeito Joe Garcia diz que:

A indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de causas diversas, e muito comumente reflete uma combinação complexa de causas. Esta complexidade é parte do perfil da indisciplina e deve ser considerada, se desejamos compreendê-la e estabelecer soluções efetivas. (GARCIA, 1999, p. 104)

Portanto, para alcançarmos soluções efetivas contra a indisciplina é necessário considerar suas diversas causas. Definitivamente, o aluno não é o único responsável por essa questão, pois se assim pensarmos onde ficará a responsabilidade da família, da escola, do professor e do sistema que se encontra fechado em si mesmo?

### **3. A prática pedagógica e a indisciplina dos alunos**

A sociedade atual vive o auge das novas tecnologias, o apelo da televisão, da internet, dos jogos educativos e tantos outros recursos que ainda não fazem parte do cotidiano escolar, ou são pouco aproveitados.

Não são poucos os professores criticando a falta de limites dos alunos que não respeitam a autoridade do professor, colocando a responsabilidade desse mau comportamento na permissividade exagerada que os pais oferecem aos filhos.

Entretanto, alunos indisciplinados em sala de aula, costumam se comportarem muito bem em um jogo coletivo, por exemplo, em que as regras são bem esclarecidas e/ou construídas com a participação de todos. Assim, Júlio Groppa Aquino (1998), discorda da ideia de que as crianças sofram de uma falta de limites ao extremo. Para ele, a agitação e a curiosidade infantis foram muito refreadas no passado e hoje em dia podem ser muito bem aproveitadas para a realização de um bom trabalho pedagógico se dessa forma for vista pelos professores.

A indisciplina no cotidiano escolar pode ser uma recusa por parte dos atuais alunos a qualquer tipo de repressão e subordinação praticadas pelos professores. Essa postura profissional pode ser interpretada como reflexo do passado quando os docentes ainda eram alunos e aprenderam a obedecer sem questionar, como nos indica Júlio Groppa Aquino:

Sob esse ponto de vista, talvez a indisciplina escolar esteja nos indicando que se trata de uma recusa desse novo sujeito histórico a práticas fortemente arraigadas no cotidiano escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida, mais democrática. Trata-se do clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno. (AQUINO, 1998, p. 5)

Diante das rápidas e intensas mudanças, principalmente as mudanças tecnológicas que vem ocorrendo na sociedade, não podemos considerar os jovens e adolescentes “ignorantes”, pois são sujeitos históricos, que fazem história e trazem consigo variados conhecimentos, na maioria das vezes, desconsiderados pela escola.

Trata-se, portanto, do manejo de sala de aula de cada professor, pois quanto mais envolvidos os alunos estiverem nas atividades melhor será seu resultado nas aulas. Sem a pretensão de generalizarmos, acreditamos que a indisciplina se trata de um assunto preocupante e, portanto, necessita ser revertida, para a sua não negação, ou seja, para promover a disciplina e alavancar a aprendizagem.

A indisciplina pode estar atrelada a concepção de educação adotada pelas escolas e pelos professores e percebida por meio das suas atitu-

des e do seu relacionamento com os alunos.

A concepção “bancária”, por exemplo, criticada por Paulo Freire, tem a função de transmitir o conteúdo de forma mecânica e descontextualizada. O educador é o sujeito do processo de ensino-aprendizagem, os educandos são meros objetos. (FREIRE, 1987). O professor é concebido como o principal agente possuidor dos conhecimentos socialmente válidos, sua relação com o aluno se dá de forma vertical, numa relação de poder em que o professor ocupa uma posição superior ao aluno, que por sua vez, se comporta passivamente e torna-se submisso perante aos atos opressores de uma sociedade excludente.

Esse tipo de educação em que se prioriza o silêncio e a obediência dos alunos é praticado por muito professores que consciente, ou não, acabam colaborando para garantir os conteúdos e os valores determinados pela cultura dominante, impedindo a conscientização dos envolvidos e privando-os do direito a uma educação significativa.

O currículo também pode ser considerado fator de agravamento da indisciplina, pois ao transmitir e considerar válida apenas a cultura da classe dominante, a escola que o concebe desta forma acaba por discriminar outras manifestações culturais presentes nos espaços escolares, porém ainda “invisíveis” para os representantes da ideologia dominante.

Dessa forma, o aluno que não se identifica com a cultura transmitida pela escola acaba se sentindo excluído e levado a acreditar que há apenas uma maneira certa de se viver, e essa não é a sua. A escola cobra dos alunos gostos, crenças, posturas e valores identificados com os do grupo dominante. Assim, ela não se configura como extensão da família e provavelmente contribui com o interesse da sociedade: formar pessoas alienadas quando deveria ser o contrário: formar indivíduos críticos e reflexivos de sua realidade para melhor intervir e transformá-la.

Nessa mesma direção Golba (2008), ressalta:

Ao expressar indisciplina os alunos estão sinalizando insatisfações e descontentamentos com as práticas adotadas por seus professores. Tais práticas são provenientes do currículo praticado pela escola. Nossas escolas têm dificuldades em administrar os conflitos decorrentes dessas práticas, principalmente quando se trata de relacionamentos e convivência. (GOLBA, 2008, p. 73)

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas corroboram as diferenças entre as classes sociais e assim favorecem os pertencentes da classe dirigente, como bem nos lembra Bourdieu (1998) ao afirmar que:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53)

Dessa maneira, a escola ao tratar todos os alunos de forma igualitária, assumindo uma equidade formal, exerce sua função de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, pois exclui os diferentes e favorecem aqueles que possuem bagagem familiar em consonância com os currículos escolares. De acordo com Bourdieu (1998), ao agir assim a escola gera a violência simbólica, pois leva os alunos socialmente desfavorecidos a reconhecerem a sua cultura como inferior à cultura dominante.

Deste modo, faz-se necessário refletir sobre a prática educativa desenvolvida pelas escolas, a fim de se incorporar no cotidiano escolar uma perspectiva de valorização multicultural da educação que implique no respeito ao outro, no diálogo e no reconhecimento da diversidade cultural de todos os alunos.

Nesse sentido, Moreira afirma (2001) que:

Em conformidade com essas discussões, a educação multicultural propõe uma ruptura aos modelos pré-estabelecidos e práticas ocultas que no interior do currículo escolar produzem um efeito de colonização em que os estudantes de diversas culturas, classes sociais e matizes étnicas ocupam o lugar dos colonizados e marginalizados por um processo de silenciamento de sua condição. Espera-se que, por meio de uma prática educativa multicultural, os estudantes possam analisar as relações de poder envolvidas na produção de mecanismos discriminatórios ou silenciadores de sua cultura, criando condições para reagir e poder lutar contra esses mecanismos que pregam a superioridade científica, tecnológica e cultural de determinados grupos economicamente dominantes. (MOREIRA, 2001, p. 41)

Portanto, a maneira pela qual a escola e o professor encaram a disciplina e a sua negação, a indisciplina, certamente vai variar expressivamente dependendo da concepção de educação que estiver permeando a prática pedagógica, pois da mesma forma que a disciplina pode servir para o controle ou a libertação do indivíduo, a indisciplina também, pode ser desobediência ou denúncia a um sistema educativo incapaz de lidar com as diferenças de culturas, de valores, de comportamentos e de atitudes que não sejam os hegemonicamente dominantes.

As atitudes docentes podem contribuir para inibir ou estimular a desordem da classe. A capacidade de diálogo e a sensibilidade para ouvir



seus alunos são, por exemplo, posturas admiráveis do professor para evitar a indisciplina. A este respeito, nos fala Daniel Sampaio:

Para que a indisciplina não brote quase por geração espontânea, é útil que o professor tenha bem presente a importância dos aspectos relacionais com os seus alunos. Se o professor continuar a valorizar apenas a sua função de instrução (transmitir conhecimentos), é mais provável que os conflitos disciplinares apareçam. Para evitar tal situação, a tônica da ação na escola deverá centrar-se na prevenção da indisciplina e não na forma de controlá-la. Em resumo, em nível de nossa lente média, a escola deve começar por reorganizar-se e por desenvolver competentemente o trabalho pedagógico, para de fato prevenir a indisciplina. Muitas iniciativas atuais vão no sentido oposto: quando a escola multiplica faltas disciplinares e conselhos de turma para propor a aplicação de suspensões, não está a resolver o problema do aluno, está provisoriamente a resolver o problema do professor. (SAMPAIO, 1997, p. 6)

Podemos perceber que a indisciplina do aluno tem ligação direta com a postura do professor em sala de aula. Um trabalho pedagógico atento à realidade escolar, investigando as causas do comportamento inadequado dos alunos provavelmente terá menos dificuldades para lidar com a indisciplina.

Diante de situações indisciplinadas as atitudes dos professores podem trazer consequências desagradáveis ou não tanto para os alunos como para os próprios docentes. Assim, pelo menos dois caminhos parecem possíveis: por um lado, caso os professores resolvem contra-atacar a indisciplina com “agressividade” e intolerância esta se fortalecerá ainda mais, podendo com isso, elevar os níveis de evasão, repetência e fracasso e ainda contribuir para a violência escolar.

Por outro lado, se o professor busca agir como educador, se importando com a formação integral do aluno, preocupando-se em transmitir não apenas conteúdos programáticos, mas engajado em promover o aprendizado de valores, provavelmente, encontrará no diálogo e na compreensão mútua uma porta de entrada para a solução do problema e dessa forma, gradativamente, a indisciplina poderá se transformar em participação ativa nas aulas e em disposição para aprender.

#### **4. A indisciplina no cotidiano da escola pesquisada**

A pesquisa empírica se desenvolveu em um Centro Educacional Municipal localizado na área central de Campos dos Goytacazes – RJ e atende a um público de alunos muito diversificado.

O entorno desta escola se mostra bem complexo. Ainda que loca-

lizado no Centro urbano da cidade, a escola sofre certo “descaso” por parte dos governantes locais e conta com pouquíssimos recursos. Próximo à escola pode-se notar um ambiente propício ao uso de drogas, bebidas alcoólicas, prostituição e práticas de furtos, da qual alguns alunos já foram reféns.

Acompanhamos de perto, uma turma do sexto ano do ensino fundamental, que na ocasião era considerada a “pior” dentre as cinco turmas de sexto ano do primeiro turno dessa escola devido, sobretudo, ao mau comportamento que os alunos apresentavam. Esse rótulo de “pior” turma chamou nossa atenção e nos levou a observar essa sala de aula procurando verificar as causas que levam esses alunos a serem tão indisciplinados e também analisar a interferência da indisciplina como um elemento dificultador da aprendizagem, visto que a maioria dos alunos é repetente. São 29 alunos matriculados nessa turma, sendo que apenas 25 alunos frequentam regularmente. Desses 25 alunos, 88% deles são repetentes.

Como metodologia de estudo foi realizada entrevista aos alunos que ao longo das observações apresentaram dificuldades em se comportarem durante as aulas, eram agressivos com os professores e com os colegas e transgrediam as normas escolares. Foram entrevistados também os responsáveis por esses alunos e a orientadora pedagógica.

Dessa forma, apresentaremos a análise de 12 (doze) entrevistas: 07 alunos, sendo 06 meninos e 01 menina, 04 mães de alunos e o orientador Pedagógico. Contaremos também com as observações que realizamos durante a pesquisa.

Os alunos entrevistados são de famílias socialmente desfavorecidas, residem na periferia da cidade e trazem consigo um histórico de repetência escolar e de conflitos familiares. Mostram-se, de forma geral, insatisfeitos com a escola, agressivos, desmotivados e com baixa autoestima. Alguns encontram no desrespeito às regras, na destruição física da escola e na agressão aos professores, colegas e funcionários a saída para expor suas angústias. Outros se fecham e acreditam que o único responsável pelo mau comportamento e baixo desempenho escolar são eles próprios. De uma forma ou de outra, esses alunos, na maioria das vezes, são incompreendidos e fadados ao insucesso.

A faixa etária desses alunos varia dos 13 aos 16 anos; são repetentes, alguns por mais de uma vez. A maioria deles não presta atenção nas aulas, se mostra agressiva, responde mal aos professores e colegas.

Apresentaremos a seguir a visão dos sujeitos da pesquisa, coletada por meio das entrevistas realizadas. Para preservar a identidade dos entrevistados, utilizaremos nomes fictícios.

#### **4.1. A visão dos pais/responsáveis**

Começamos a entrevista aos responsáveis perguntando se o filho gostava de estudar e a seguir temos algumas das respostas:

– Mais ou menos. Ele já foi melhor, mas esse ano está bem pior. Não vejo ele estudando. Mando ele estudar, mas ele diz que não tem nada pra estudar. Também agora tá dizendo que quer sair dessa escola. Quando chega em casa só quer saber de jogar bola. (Mãe do aluno Yago)

– Antes até que ele estudava um pouco, mas, depois que veio pra essa escola não quer saber de estudar, ele piorou muito. Não vejo ele estudando pra prova, nem fazendo o dever de casa. Nem os livros ele leva pra escola. Acho que ele tá querendo seguir o exemplo do irmão que tem dezoito anos, parou de estudar e não trabalha. Ele pensa, se meu irmão pode eu também posso, né?. (Mãe do aluno Mateus)

– Ele gosta de estudar, mas só que ele tem muitas dificuldades, não to vendo o rendimento dele melhorar não. Ele não tá querendo vim estudar aqui mais. Ele lembra muito cedo e fica reclamando. Em casa também não estuda. (Mãe do aluno Márcio)

Nos relatos apresentados, verificou-se certa indisposição dos alunos para o estudo. Podemos perceber por um lado que o exemplo familiar pode estar contribuindo para o desinteresse escolar e, por outro lado, que os alunos parecem não estar encontrando sentido na escola. Possivelmente, o comportamento desses alunos está sendo afetado por influências familiares e por insatisfação para com a escola.

Continuando a entrevista, perguntamos se em casa os alunos são obedientes e respeitam as regras estabelecidas. Apenas uma mãe respondeu que sim.

– Não sei aqui na escola, mas, em casa ele é obediente, respeita os mais velhos, não responde não. É assim, a gente conversa e combina tudo. Daí se ele sabe que tem que lavar o banheiro, então falo uma vez só e ele vai lá e faz. Também me ajuda a lavar a louça. (Mãe do aluno Márcio)

Sabemos da importância do relacionamento familiar e escolar para o bom desempenho do aluno. No depoimento acima, o comportamento de casa parece estar em descompasso com o comportamento na escola. Como em casa as regras são conversadas e estabelecidas de comum acordo, na escola o aluno vai questionar a rigidez das normas impostas.

Como geralmente o aluno não tem “voz”, o seu comportamento acaba sendo visto como indisciplina.

Dessa forma, questionamos: como evitar a indisciplina escolar se não existe o agir coletivo? Se as normas são impostas quando deveriam ser dialogadas? Na perspectiva de Celso dos Santos Vasconcellos (2000) para se construir a disciplina devemos pensá-la de forma consciente e interativa. Para o referido autor a disciplina se constrói através da relação entre os sujeitos com a realidade de modo que num ambiente onde é vivenciada a construção coletiva dos códigos que regem a boa convivência, os indisciplinados possam se autodisciplinar.

Perguntamos também se os filhos já levaram alguma advertência da escola com relação à indisciplina. Por unanimidade todos os responsáveis disseram que sim. Na ocasião da entrevista com a mãe do Yago, ela havia recebido um telefonema da escola sendo avisada que seu filho tinha furtado o biscoito de um aluno e que a mesma deveria ir à escola tomar conhecimento da situação. Outra vez ela foi chamada à escola porque ele havia agredido fisicamente outro colega.

Ao indagarmos se existe alguma situação que tenha influenciado o mau comportamento dos alunos, as mães citaram as más companhias, a influência familiar, a agressividade, a bagunça e o mau humor. Nenhuma das respostas atribuiu à escola a responsabilidade pela indisciplina dos seus filhos. Segundo elas a escola tem feito sua parte, são os alunos os próprios “culpados” por esse mau comportamento. No entanto, de acordo com as respostas dos alunos, que veremos a seguir, a escola também tem contribuído para a indisciplina.

Desse modo, confirmamos a importância da família para o bom desempenho dos alunos, pois na medida em que os pais interagem com a escola podem entender melhor as causas do mau comportamento do seu filho e juntos podem ajudá-lo a enfrentar essa situação.

#### **4.2. A visão dos alunos**

Aos alunos perguntamos sobre a importância da escola para a vida deles. Em nenhum momento deixaram transparecer que a escola não é importante. Todos responderam que a escola é importante para aprender e conseguir um bom emprego. Entretanto, alguns deixaram bem claro que a escola onde estudam não é a escola que desejam.

– A escola é importante pra gente estudar, aprender, arrumar um bom emprego; mas essa escola é um atraso na minha vida, acordo cedo pra chegar aqui e ficar copiando do quadro o tempo todo, não aprendo nada. Todo dia é a mesma coisa. Já falei pra minha mãe me tirar daqui. (Sandra)

– Gostar de estudar eu gosto, mas essa escola desanima muito a gente. De vez em quando a gente entra na sala não tem professor pra dá aula, a gente fica no pátio sem ter nada pra fazer, aí vou pra casa e desanimo de estudar. Se eu pudesse sairia daqui, pra qualquer outra escola. (Roberto)

– Estudar é bom pra gente aprender. A escola é importante pra vida da gente. Essa escola podia ser melhor, ter coisas diferentes pra fazer. (Mateus)

Também foi pedido para eles descreverem o que mais gosta e o que menos gosta na escola. Na maioria das respostas fica evidente o descontentamento deles:

– Nessa escola não gosto de nada. Não temos aula de educação Física e isso é ruim né?, porque a gente precisa de preparo físico e não tem aula de Educação Física. Nesse ano só teve uma aula na sala, depois o professor nunca mais apareceu. Só a minha turma que não tem. A gente fica chateado. O pessoal daqui fala que a minha turma é a pior turma do mundo. (Daniel)

– O que mais gosto é a hora de ir embora. O que menos gosto é quando entro na escola (risos). (André)

– Não gosto de nada. O que eu menos gosto aqui é da orientadora pedagógica. Eu odeio ela. Ela é muito ignorante, só ela que tá certa aqui na escola. Todo mundo tá errado. Ela não quer escutar os outro não. Ela só quer sair ignorando os outros. (Sandra)

– O que mais gosto? Acho que não gosto de nada. Você vê, a gente chega aqui segunda-feira e na primeira aula não tem professor. Aí a gente bagunça mesmo. (Roberto)

– Gosto de alguns professores e não gosto do refeitório. (Mateus)

– Não gosto de nada nessa escola. (Yago)

As falas dos alunos evidenciam que a escola não está sendo um espaço alegre e acolhedor. Eles não se sentem compreendidos e as aulas não são significativas para eles. Notamos também que o significado da indisciplina atribuído por eles seria tanto de natureza pedagógica denunciada através da fragilidade da prática do professor, demonstrada por meio de metodologias inadequadas que não contemplam o público-alvo, por exemplo, quanto de natureza administrativa quando é relatado que estão sem professor de educação física desde o início do ano.

Outro aspecto observado se refere à falta de afeto entre os sujeitos da escola, o que pode contribuir para tornar os alunos desmotivados e com a autoestima baixa. Provavelmente a indisciplina seja um reflexo

dessa atitude. Através da fala do aluno Yago percebemos a carência de afeto não só na escola como também nas relações familiares. Quando perguntado sobre seu comportamento ele respondeu que em casa não conversa com os pais, que não confia em ninguém e guarda para si todas as dúvidas. Para Francisco Arseli Kern, “a afetividade é a condição fundamental que coloca o ser humano frente a frente com o outro, na possibilidade de construir relações sociais” (KERN, 2002, p. 44). O acolhimento e o afeto possibilitam uma maior aproximação entre as pessoas; ao se sentirem acolhidos certamente os alunos estarão à vontade para dialogar e nesse diálogo podem surgir estratégias eficazes para promover a disciplina.

Em seguida, procuramos saber a opinião deles em relação às normas da escola. Uns responderam que concordam, no entanto, pelas suas atitudes percebemos que não respeitam. Outros disseram que não concordam.

– Algumas não. Ficar no corredor e falar no telefone não respeito não. Eles não deixam a gente usar o telefone, mas, eu preciso falar no telefone, então tenho que sair da sala e ir pro corredor. Os professores também atendem o telefone na aula, ninguém pode falar nada. Eles acham que só eles tão certo, tinha que ser diferente. (Daniel)

– Concordo sim. Elas são importantes pra gente. (Márcio)

– Não concordo não, por isso não respeito. Sei que o que faço é errado, risco a mesa, as cadeiras e as paredes também, mas, já acostumei e vou continuar fazendo. Também não aceito ter que vim pra escola só de calça. Às vezes tá um calor danado e a gente tem que vim de calça. (Sandra)

– Não concordo muito não. Às vezes respeito, às vezes não. (André)

– Tem coisas que não concordo. Acho que a escola não deveria proibir o celular. (Yago)

– Respeito sim, mas às vezes uso o boné mesmo sendo proibido. Acho que isso não tem nada a ver. (Mateus)

– Acho importante, mas, tem coisa que não concordo não. Proibir o celular não acho certo eu uso e não me atrapalha. (Roberto)

Os relatos nos mostram que as normas não são explicadas e bem esclarecidas, mas impostas aos alunos. Dessa forma eles não conseguem entender o sentido de certas proibições. Caso eles fossem solicitados a discutir e a opinar talvez compreendessem melhor a importância delas.

Indagados sobre o que ajudaria a melhorar o comportamento na escola, os alunos responderam, prioritariamente, a aula de educação física e a aula no laboratório de informática. Indicando que acreditam que

comportamento na escola é influenciado também pela falta da aula de educação física. Isso nos mostra a importância do comprometimento com educação em garantir ensino de qualidade para todos de modo que nenhuma aula deixe de ser proporcionada aos alunos.

Nessa mesma pergunta o aluno Daniel além de citar a falta da aula de educação física, ainda respondeu:

– O que precisa nessa escola é isso que você tá fazendo. É gente pra conversar. Não tem ninguém pra falar direito com ninguém. Eles só querem saber de punir a pessoa. Se a gente faz alguma coisa eles querem punir, mas, conversar mesmo que é bom, eles não conversam. Aí tudo continua a mesma coisa.

Ao cobrar do aluno o respeito, o cumprimento das normas e o bom desempenho, a escola precisa oferecer subsídios para tais práticas. Como um aluno irá desenvolver conceitos de justiça e praticá-los se é frequentemente injustiçado e punido, se não é ouvido ou mesmo interrogado sobre o que está acontecendo com ele? Nessa fala de Daniel fica evidenciada a falta do diálogo, do respeito e do tratamento afetuoso ao lidar com os alunos.

### **4.3. A visão da orientadora pedagógica**

A iniciativa de se estudar a visão da orientadora pedagógica surgiu após a observação de que os casos de indisciplina nessa escola são mediados por esse profissional da educação. Os professores testemunham casos específicos de indisciplina em sala de aula e assim os percebem a partir desta perspectiva, ao passo que o orientador pedagógico tem contato com os casos de indisciplina ocorridos em todo ambiente escolar.

Nesse sentido, perguntamos a orientadora pedagógica se há alguma relação entre indisciplina e aprendizagem. Para ela o bom comportamento é fundamental para que haja aprendizagem.

– Acredito que existe uma forte relação entre indisciplina e aprendizagem. Numa turma indisciplinada o professor não consegue passar o conteúdo, consequentemente o aprendizado não é construído.

Perguntamos também qual seria o comportamento “ideal” do aluno.

– O comportamento ideal seria aquele em que o aluno obedece às regras da escola, que faz as atividades em aula e em casa, que é interessado em aprender os conteúdos, tem boas notas, respeita os colegas, os professores e os funcionários. Que não é agressivo nem respondão. Para o comportamento ser

ideal seria necessário também que os alunos não tivessem problemas familiares.

Nota-se que o foco da indisciplina está direcionado ao aluno no que concerne a sua participação nos processos que envolvem a escola. Entretanto, isso não significa que os alunos sejam os únicos responsáveis pela indisciplina na escola. Como bem mencionamos no decorrer desse estudo, as causas da indisciplina são variadas.

Prosseguindo a entrevista indagamos da orientadora quais são os principais motivos que, na visão dela, levam a indisciplina escolar.

– Acredito que um conjunto de fatores: a escola, a família, a sociedade, todos contribuem para a indisciplina. Por um lado, falta atuação da família em passar valores e colocar limites nos filhos, por outro lado é a escola que tem contribuído. Nessa escola faltam coisas essenciais para prevenir a indisciplina, como a falta de professor de Educação Física, a distorção série-idade, aqui temos alunos de 15 e 16 anos no 6º ano, o espaço físico não é o ideal, não temos banheiros nem refeitório adequados, falta respeito entre os funcionários que discutem, “batem boca” diante dos alunos. Juntando a tudo isso, ainda falta vontade política de nossos governantes para investir na educação.

Percebemos que os motivos da indisciplina são sempre os mesmos: o apoio da família, os problemas administrativos e relacionais da escola e a efetivação de políticas públicas.

Para a pergunta, “Existiu alguma situação de indisciplina em que você decidiu juntamente com a direção da escola aplicar medidas de suspensão/expulsão ao aluno? Em caso afirmativo, descreva a situação”, a orientadora respondeu:

– Expulsão não, mas transferências sim. Recentemente, tivemos um caso de uma aluna que se envolveu com o chefe do tráfico e a partir de então seu comportamento se modificou. Ela começou a agredir verbalmente os professores, os colegas, os funcionários e assim foi começando a aparecer muitos problemas para a escola. Chamei essa aluna conversei com ela, conversei também com o pai, mas não adiantou de nada. Então providenciamos a transferência para uma escola mais próxima da casa dela. Hoje fiquei sabendo que ela está traficando no próprio bairro onde mora.

Entendemos que algumas iniciativas tomadas pela escola não buscam resolver o problema do aluno, apenas transferem a questão para outra escola, a atitude descrita acima exemplifica essa situação.

Em relação às propostas da escola para combater a indisciplina, temos:

– Acredito que a participação da família na escola é primordial. Sempre fazemos reuniões, poucos responsáveis se interessam, isso dificulta o vínculo



entre a escola e a família, mas, não desanimamos. Implantamos desde o ano passado o programa “Mais Educação”, através dele possibilitamos aos alunos participarem de atividades recreativas como dança, música e atividades artísticas e também reforço escolar, mas esse ano ainda não foi oferecido porque a verba ainda não chegou.

Notamos que algumas iniciativas estão sendo construídas para ajudar os alunos a vencer a indisciplina, embora a escola esbarre em situações que extrapolam o seu limite.

Percebemos também que nesta escola muitas questões contribuem para a indisciplina. Entretanto, entendemos que grande parte dos conflitos que ocorrem na escola está indicando a necessidade de se tratar o aluno com afetividade, tolerância, generosidade e acolhimento, criando assim, uma relação de respeito e confiança levando-se em conta o aluno que precisa encontrar sentido na escola e serem valorizados por ela.

Torna-se evidente que as medidas adotadas pela escola buscando diminuir os contratempos ocasionados pela indisciplina, não têm gerado os resultados esperados. Enquanto o diálogo não for à primeira atitude adotada a possibilidade de mudança é pouco provável. Para isso, é necessário um esforço coletivo, onde todos os sujeitos envolvidos possam se comprometer e, de fato, colaborar para o sucesso dos alunos.

## **5. Considerações finais**

Nesta pesquisa observou-se de fato que a indisciplina é uma das maiores dificuldades enfrentadas pela escola, pois o mau comportamento do aluno afeta o rendimento escolar, a relação professor-aluno e os relacionamentos em geral.

Por meio deste estudo apontamos alguns resultados que são agravantes para a indisciplina escolar, são eles: a distorção série/idade devido à repetência os alunos não sentem vontade de estar na escola, são desmotivados, com baixa autoestima e sem perspectivas de um futuro melhor; pouca participação dos pais na vida dos alunos; famílias desestruturadas com pais dependentes químicos; falta de professor; estrutura física inadequada e insuficiente; pouco diálogo entre os professores, funcionários, orientadora e os alunos; o currículo escolar que não considera a diversidade cultural dos alunos levando a não identificação dos alunos com a escola; alunos estigmatizados ao ser considerados a “pior turma”; a falta de participação dos alunos na construção das regras e a falta de esclarecimento das normas escolares.

Percebemos também que a indisciplina está presente em toda a escola, embora seja mais forte nesta turma pesquisada, talvez devido à própria organização da escola em montar uma turma com a grande maioria dos alunos apresentando distorção série/idade e com um histórico de repetência. Dentre as cinco turmas de sexto ano do primeiro turno apenas essa e outra turma é organizada dessa maneira. Dessa forma, a indisciplina, tem-se constituído um forte fator da não aprendizagem desses alunos.

Do mesmo modo, notamos a dificuldade dessa escola em trabalhar o currículo numa perspectiva multicultural. Ainda que a diversidade curricular esteja contemplada nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* desde 1997, identificamos que na instituição pesquisada o currículo ainda não é desenvolvido de acordo com a proposta desse documento, tornando-se, portanto, um desafio trabalhar de modo a contemplar a realidade brasileira multicultural.

Evidenciamos que a indisciplina escolar é um forte sinal de que algo de errado está acontecendo e costuma ser demonstrada de diversas maneiras. Com isso, destaca-se a necessidade de um trabalho constante e integrado entre a escola e a família, de modo que a escola possa contar com a participação efetiva da família em todos os momentos, não apenas quando ocorrer algum problema, pois dessa forma a relação se desgasta e dificilmente serão encontradas soluções para as dificuldades.

Acreditamos que o diálogo é a alternativa mais apropriada para se entender às verdadeiras causas da indisciplina. Por meio da conversa é possível compreender o que conduziu o aluno a ser indisciplinado e a entender os sentidos da indisciplina para ele.

Destaca-se também a importância de uma prática pedagógica reflexiva que possibilite ao professor e a equipe pedagógica rever algumas de suas posturas que podem estar contribuindo para a indisciplina, pois uma mudança na forma de atuação desses profissionais poderá reduzir o comportamento indesejado dos alunos.

Entretanto, não se trata apenas de ensinar conteúdos programáticos, mas também de aprendizagem para a vida, fomentando o respeito ao próximo, a tolerância à diversidade e a liberdade de expressão, com projetos escolares comprometidos com a realidade e sua transformação, pois as consequências da indisciplina são refletidas na escola, na família e em toda a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. *Professor bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AQUINO, Júlio Groppa. A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade Educacional*, São Paulo vol. 24 n. 2, jul/dez. 1998.

ERIKSON, Erik H. *The life cycle completed*. New York: Norton, 1982.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Joe. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

KERN, Francisco Arseli. *Mediações em redes como estratégia metodológica do serviço social*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. *Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SAMPAIO, Daniel. *Indisciplina: um signo geracional*. Publicação do Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação de Portugal, 1997. Disponível em: <<http://www.iie.min-edu.pt/biblioteca/ccoge06>>.

TIBA, Içami. *Disciplina: o limite na medida certa*. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. São Paulo: Libertad, 2000.

\_\_\_\_\_. *Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZAGURY, Tânia. *Educar sem culpa: a gênese da ética*. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *Professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.